

# QUAL A ESTRUTURA DAS *SMALL CLAUSES* LIVRES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO?\*

---

*What is the structure of free small clauses in  
Brazilian Portuguese?*

Marcelo Amorim Sibaldo\*\*

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a estrutura interna de uma construção exclamativa muito usada pelos falantes do português brasileiro (PB), mas pouco estudada, nomeadamente, as *Small Clauses* Livres (SCLs),<sup>1</sup> em que se tem a justaposição de um predicado e seu sujeito, nessa ordem, sem nenhum verbo nem morfologia de tempo na superfície:<sup>2</sup>

- (1) a. Muito bonita a sua roupa!  
b. Uma droga aquele programa de televisão!

O nosso interesse na estrutura sintática das SCLs é motivado, principalmente, pelo fato de que, superficialmente, tais estruturas parecem ser menores que uma sentença “comum”. Sendo assim, a questão-chave

\* Agradecemos à Denilda Moura e ao Marcel den Dikken pelas questões e sugestões feitas. Agradecemos ainda aos dois pareceristas anônimos pelos comentários, que fizeram o artigo melhorar consideravelmente. Algumas questões feitas por estes não puderam ser incluídas neste artigo e constituem material fundamental para trabalhos futuros. Os erros e incoerências remanescentes são inteiramente do autor deste artigo.

\*\* Universidade Federal Rural de Pernambuco/ Unidade Acadêmica de Serra Talhada

1 Tanto quanto saibamos, este termo foi primeiro empregado em Kato (1988). Na verdade, o termo empregado no trabalho de Kato (1988), escrito em língua inglesa, foi *Free Small Clause*. Traduzimos ao pé da letra apenas o termo *Free*, haja vista a literatura gerativista no Brasil já ter adotado o termo *Small Clause* do inglês, apesar de alguns textos vez ou outra o traduzirem por *mini-oração*.

2 De acordo com Kato (2007), as SCLs trazem à tona aquilo que ela chama de “terceira cópula do PB”, ou seja, uma cópula que não é realizada foneticamente. Visto por esse prisma, o PB teria, então, não apenas o *ser* e o *estar* como cópulas verbais, mas também “algum traço” (ou “conjunto de traços”) nulo foneticamente, que representaria esta “terceira cópula” (ou cópula-zero).

que norteará a nossa discussão é: qual a estrutura das SCLs do PB? Para a análise, lançaremos mão da teoria gerativa em sua versão minimalista (cf. CHOMSKY, 2000 e trabalhos subsequentes), bem como a teoria da sintaxe de predicação e extensão de fase delineada em Den Dikken (2006; 2007).

Neste artigo, proporemos que as SCLs são construções raízes, mais especificamente, argumentaremos a favor da ideia de que estes tipos de construções são fases-TPs. Sendo assim, diferentemente de Chomsky (2001), sugeriremos que não apenas  $v^*P^3$  e CP sejam fases fortes, mas também TP, propondo que as SCLs são frutos da *Extensão de Fase*, i.e., da extensão dos domínios sintáticos causada pelo alçamento do núcleo de uma determinada projeção, como proposto em Den Dikken (2006; 2007).

O presente artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentaremos e discutiremos quais são as restrições sintático-semânticas que regem as SCLs; na seção 3, arrolaremos alguns testes sintáticos a fim de saber qual a estrutura interna das SCLs; na seção 4, esboçaremos a teoria da predicação e de Extensão de Fase desenvolvida por Den Dikken (2006; 2007); na seção 5, mostraremos como se dá a derivação das SCLs utilizando a noção de extensão de fase; e, na última seção, encerraremos o trabalho com um resumo das principais questões discutidas aqui.

## 2. RESTRIÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS DA SCL DO PB

### 2.1. RESTRIÇÃO SOBRE A ORDEM

(1) parece ser a ordem “canônica” de uma SCL no PB, haja vista que a ordem *DP + Predicado* – sem a cópula – é agramatical, como já notado por Kato (1988):

- (2) a. \*A sua roupa muito bonita!  
b. \*Aquele programa de televisão uma droga!

### 2.2. RESTRIÇÃO SOBRE O SUJEITO

Os sujeitos das SCLs são sempre *específicos*. Desse modo, não temos DPs não-específicos, plurais nus, itens de polaridade negativa e quantificadores de baixo acarretamento (cf. (3)), mas apenas DPs *específicos* e *fortemente referenciais* (cf. (4)):

<sup>3</sup> Para Chomsky (2001), apenas  $v^*P$ , a projeção máxima de verbos inergativos e transitivos, seria uma fase forte, que difere de  $vP$ , a projeção máxima de verbos inacusativos e passivas, que seria uma fase fraca em que a Condição de Impenetrabilidade da Fase (PIC), discutida com mais detalhes na seção 4 deste artigo, não atua.

- (3) a. \*Muito bonita uma roupa qualquer!  
 b. \*Muito bonitas roupas!  
 c. \*Muito bonita(s) nenhuma roupa/ poucas roupas!
- (4) a. Muito bonita uma roupa que eu vi no shopping!  
 b. Uma droga aquele programa de televisão!

### 2.3. RESTRIÇÕES SOBRE O PREDICADO

Os predicados das SCLs podem ser apenas da categoria adjetival (cf. (5a)) e alguns constituintes parecidos, à primeira vista, com DPs, que chamaremos aqui de “DPs avaliativos”, que se diferenciam de DPs “comuns” quando participando de SCLs, haja vista este tipo ser descartado e aquele ser permitido nessas construções (cf. (5b) vs. (5c)), justamente pelo seu conteúdo de avaliação. Além disso, outros sintagmas, como PPs<sup>4</sup> (cf. (5d)), AdvPs (cf. (5e)) e VPs (cf. (5f)), também são descartados como o predicado das SCLs:

- |     |                              |                        |
|-----|------------------------------|------------------------|
| (5) | a. Linda a Maria!            | <i>APs</i>             |
|     | b. Um luxo essa sua bolsa!   | <i>DPs avaliativos</i> |
|     | c. *Médico esse cara!        | <i>DPs</i>             |
|     | d. *Na Ponta Verde o João!   | <i>PPs</i>             |
|     | e. *Bem a Maria!             | <i>AdvPs</i>           |
|     | f. *Dançando os meus alunos! | <i>VPs</i>             |

No que tange aos adjetivos das SCLs, é pertinente ressaltar, ainda, que nem todos os adjetivos atuam como predicados de tais construções, pois estes devem poder ser graduáveis (geralmente, com grau máximo, p. ex., *muito lindo*, *horrível*, etc.), do contrário, as construções são excluídas:

- |     |                               |                     |
|-----|-------------------------------|---------------------|
| (6) | a. *Disponíveis os bombeiros! | > *Muito disponível |
|     | b. *Grávida essa mulher!      | > *Muito grávida    |

Sendo assim, como primeiro advertido, tanto quanto saibamos, por Kato (1988) para as SCLs, as sentenças em (6) são ruins pelo fato de os predicados dessas construções serem adjetivos do tipo *stage level*. Desse modo, como observado por essa autora, os predicados das SCLs só podem ser do tipo *individual level*.

<sup>4</sup> Alguns PPs encabeçados por *sem* de conteúdo avaliativo (cf. (i)) são exceções e serão tratados em trabalhos futuros somente.

(i) a. Sem sal essa sopa!  
 b. Sem nenhum interesse essa sua proposta!

Assim, os predicados *avaliativos* que vão com as SCLs são predicados que, mais que notar um fato, descrevem uma *impressão*, uma *opinião pessoal do falante*, que menciona algo de surpreendente, surpresa, ou algo fora do comum, como é inerente às sentenças exclamativas (cf. ZANUTTINI; PORTNER, 2003). O predicado *individual* deve, então, ser uma apreciação e *não* pode ser uma expressão referencial.

#### 2.4. RESTRIÇÃO SOBRE O “TEMPO”

Como dito anteriormente, superficialmente, as SCLs não apresentam morfologia nenhuma de tempo. Entretanto, as SCLs podem ser parafraseadas com a cópula no tempo presente (no contexto *out-of-the-blue*), conforme nos apontam os dados abaixo:<sup>5,6</sup>

- (7) a. Lindo o dia!  
 “<sup>OK</sup>O dia está lindo!”  
 “\*O dia estava lindo!”  
 “\*O dia estará lindo!”
- b. Bonita a sua roupa!  
 “<sup>OK</sup>A sua roupa está bonita!”  
 “\*A sua roupa estava bonita!”  
 “\*A sua roupa estará bonita!”

Além de o tempo presente estar subjacente nas SCLs, é interessante pontuar que o predicado dessas sentenças é interpretado como um predicado *estativo*, ou seja, o tempo é “entendido” como a forma do presente do indicativo e o predicado não pode ser entendido como (nem pode ser (cf. (5f)) um verbo na forma gerundiva, o que corrobora o fato de o predicado das SCLs serem sempre *estativos*:

5 Tal fato se assemelha aos dados do russo arrolados por Soschen (2002). Conforme Soschen (2002, p. 68), a cópula verbal no tempo presente *est* ‘é/ são’ não é consentida nas sentenças nominais do russo moderno. Em detrimento de *est*, um pronome nulo (que é representado oralmente com uma pausa, (-)), ou, ainda, a ausência deste (ou seja, nenhuma pausa), pode ser utilizado:

- (i) a. Marija (-) krasivaja. Russo  
 Marija-fem. N-Pron bonita.  
 “Marija é bonita.”
- b. Ona \*(byla) krasivoj.  
 ela ser-fem.sg.Pass bonita  
 “Ela era bonita.”
- c. Ona \*(budet) krasivoj.  
 ela ser-3<sup>a</sup>.sg.Fut. bonita-fem.sg.  
 “Ela será bonita.”
- (SOSCHEN, 2002, p. 68-69)

6 Apesar de não *mostrar superficialmente* o tempo, as SCLs do PB lançam mão de uma estratégia interessante para sanar essa ausência de morfologia, tal estratégia, que será vista na subseção 3.3, é o uso de advérbios/ locuções adverbiais temporais, que indicam o tempo nessas sentenças.

- (8) a. Lindo o dia! > “\*O dia *está sendo* lindo!”  
b. Bonita a sua roupa! > “\*A sua roupa *está sendo* bonita!”

Resumindo o que foi visto nesta seção, concluímos que as SCLs do PB são regidas pelos algoritmos descritos abaixo:

- (i) a. Os sujeitos das SCLs do PB devem ser específicos.  
b. Os predicados das SCLs do PB devem ser predicados de nível *individual* avaliativos.  
c. O tempo (não morfológico) das SCLs do PB deve ser subtendido como o presente.

### 3. UMA ESTRUTURA PARA A SCL DO PB

#### 3.1. SCL: ADJUNÇÃO DO SUJEITO À DIREITA OU ALÇAMENTO-A' DO PREDICADO?

Para responder à questão acima, lançaremos mão, primeiramente, do teste com advérbios de tempo e PPs locativos, pois, como se sabe, advérbios de tempo e PPs locativos marcam o limite de uma sentença nuclear, assim, o que vier logo após esses elementos é analisado como ocupando uma posição-A'. Tendo isto em mente, o contraste entre (9) e (10) parece corroborar a ideia de que o sujeito das SCLs não está adjungido à direita, numa posição-A', visto que nem o advérbio de tempo nem o locativo podem intervir entre o predicado e o sujeito das SCLs:<sup>7</sup>

- (9) a. \*Muito lindas na igreja/ ontem as flores  
b. \*Bonito na festa/ ontem o seu vestido
- (10) a. Muito lindas as flores na igreja/ ontem  
b. Bonito seu vestido na festa/ ontem

Além disso, quantificadores podem ocupar a posição de sujeito das SCLs e, como se sabe, quantificadores não podem ocupar uma posição-A':

<sup>7</sup> O teste de *substituição* indica que os PPs e os advérbios *não* fazem parte do DP sujeito:

- (i) a. Muito lindas elas na igreja/ ontem.  
b. Bonito ele na festa/ ontem.

- (11) a. Um amor cada um de vocês!  
b. Muito lindos todos esses seus sapatos!

Dada a argumentação acima, é tentador afirmar que a SCL do PB é resultado de movimento-A' à esquerda do predicado sobre o seu sujeito. Contudo, como (12) nos mostra, itens de polaridade negativa (NPIs) são aceitos no predicado das SCLs e, como os quantificadores, NPIs geralmente não são aceitos em posição-A':

- (12) a. Nem um pouco bonita a Maria!  
b. Nada bonita a sua irmã!

O que os dados apresentados aqui sugerem é que tanto o sujeito quanto o predicado das SCLs do PB parecem ocupar posições-A e não posições-A'.

### 3.2. ADVÉRBIOS DE VP: POR ONDE ANDA A SCL?

Como se sabe, advérbios de VP, como *sempre*, por exemplo, ocupam uma posição de adjunção ao VP.<sup>8</sup> Observando o contraste entre (13) e (14) abaixo, depreendemos que o predicado das SCLs não parece ter sido movido para uma posição acima da SC, uma vez que a estrutura em que o advérbio se encontra entre o predicado e o sujeito é agramatical (cf. (14)). Por outro lado, (13) mostra a gramaticalidade das estruturas com o advérbio na posição inicial, o que sugere que as SCLs do PB, na verdade, estão *in situ*:

- (13) a. [<sub>sc</sub> Sempre [<sub>sc</sub> bonita a sua roupa]]  
b. [<sub>sc</sub> Sempre [<sub>sc</sub> muito chata essa aula]]

- (14) a. \*Bonita sempre a sua roupa  
b. \*Muito chata sempre essa aula

### 3.3. PROJEÇÕES FUNCIONAIS: SCL TEM TP E CP?

Para corroborar a ideia de que SCs comuns *não* têm a projeção TP, Cardinaletti e Guasti (1995) usam os testes de (i) advérbios de tempo e (ii) negação:

- (15) a. Hoje eu acho [<sub>cp</sub> que [<sub>tp</sub> a Maria estava bonita ontem]].  
*Advérbio de Tempo*  
b. \*Hoje eu acho [<sub>sc</sub> a Maria bonita ontem].

<sup>8</sup> Como tratamos de *Small Clauses* (SCs) aqui, consideraremos que estes advérbios são adjungidos à SC.

a'. Eu acho [<sub>CP</sub> que [<sub>TP</sub> a Maria *não* está triste]].  
*Negação*

b'. \*Eu acho [<sub>SC</sub> a Maria *não* triste].

As SCLs do PB, entretanto, parecem ter a projeção TP, uma vez que a elas podem ser associados advérbios de tempo (cf. (16)):

- (16) a. Bonita a sua roupa *ontem*!  
b. Muito lindo o dia *hoje*!

Em relação ao teste da negação, podemos observar abaixo que as SCLs não podem ser negadas:

- (17) (\*Não) bonita (\*não) a Maria (\*não)!

Contudo, essa característica, na verdade, não surpreende, uma vez que uma sentença exclamativa não pode ser negada<sup>9</sup> (ZANUTTINI; PORTNER, 2003; VILLALBA, 2004). Entretanto, uma evidência que pode ser dada, no sentido de que a negação pode ocorrer nas SCLs, é o caso do exemplo (12) acima, pois, desde Zanuttini (1991), pelo menos, estabelece-se a relação entre negação (incluindo os NPis) e T(empo) como intrínseca. O que se considera nos casos de (12) é que existe uma categoria NegP adjungida ao TP. Sendo assim, achamos razoável supor que há um TP nas sentenças com NPis em (12).

Todos os testes que fizemos nesta subseção corroboraram a ideia de que as SCLs do PB, ao contrário das SCs comuns, têm a projeção de T(empo). No que tange ao nó CP, entretanto, os dados abaixo parecem mostrar evidências de que elas não o possuem:

- (18) a. A Maria achou a sua roupa muito bonita.  
b. A Maria achou muito bonita a sua roupa.  
c. Hoje a Maria achou que a sua roupa estava muito bonita ontem.  
d. \*Hoje a Maria achou muito bonita a sua roupa ontem.

Em (2), vimos que a ordem *Suj + Pred* (S-P) é sempre descartada, mas, como vemos em (18a) e (18b), sob o verbo ECM *achar* podem vir tanto a sequência S-P quanto P-S. Como se sabe, verbos do tipo *achar* no PB selecionam ou uma SC comum (cf. (18a)) ou um CP (cf. (18c)). Logo, [Muito bonita a sua roupa ontem] em (18d), sendo uma SCL (= TP), é excluída. (18d), a nosso ver, é o dado-chave para considerar que SCLs são TPs raízes,

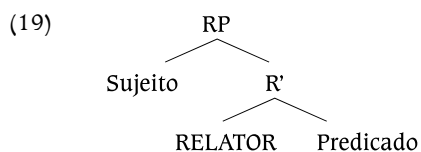
<sup>9</sup> Salvo alguns casos de negação expletiva e outros de negação padrão, que requerem contextos apropriados, ver Villalba (2004).

ou seja, as *Small Clauses* Livres são, como o próprio nome diz, “livres” e não podem ser encaixadas. Mais ainda: se a análise empreendida aqui for levada em consideração, poderemos explicar facilmente o porquê de poder haver a alternância S-P/ P-S após verbos ECM, como em (18a) e (18b), pois, nestes exemplos, o que temos são SCs complemento e SCs complemento podem alternar a sua ordem em S-P/ P-S, contrariamente às SCLs, que têm uma ordem fixa.

#### 4. PREDICAÇÃO E *PHASE EXTENSION*

Para Den Dikken (2006; 2007), na semântica, a predicação é atribuição de propriedade e, na sintaxe, a predicação envolve uma estrutura assimétrica incluindo o predicado, seu sujeito e um elemento funcional (o RELATOR) mediando a relação configuracional e não direcional entre o predicado e o sujeito. Por configuracional, entende-se que uma predicação sempre irá conter um RELATOR (R), que é o núcleo da projeção de predicação, RP. Diferentemente do núcleo funcional de Bowers (1993), Pr (“a mnemonic for predication”, p. 595), que explicitamente o reconhece como “a new functional category” (BOWERS, 1993, p. 593), Den Dikken (2006, p.15) argumenta que RELATOR é funcional e abstrato, atuando como um *placeholder* para *qualquer* núcleo funcional mediante uma relação de predicação entre dois termos. De acordo com esta perspectiva, o RELATOR pode ser a cópula, uma preposição ou o tempo, por exemplo.

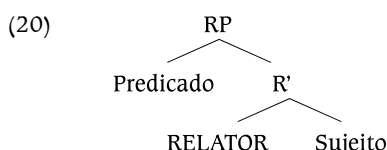
Assim, todas as relações de predicação são sintaticamente representadas pela estrutura em que os constituintes denotando o predicado e o sujeito são dependentes de um conectivo (o RELATOR) que estabelece a conexão (sintática e semântica) entre os dois constituintes. A estrutura hierarquicamente assimétrica seria como em (19) abaixo:



Estando o RELATOR fazendo a conexão entre o predicado e o seu sujeito, a abordagem em (19) “gives syntactic, configurational expression to perspectives on syntactic predication that appeal to ‘predicate linking’ [...] the idea that ‘predicates appear in positions where they can be linked to their subjects’ (HEYCOCK, 1991, p. 21)” (cf. DEN DIKKEN, 2006, p. 12), ou seja, o predicado deve ser um dos dois dependentes do RELATOR, exatamente

como em (19). Com isso, a *localidade* da relação de predicação, nessa abordagem, é a de que o RELATOR acomoda o predicado e o sujeito no seu domínio mínimo (grosso modo, a posição de especificador e complemento de um núcleo dado, no nosso caso, o RP).<sup>10</sup>

É interessante notar que a noção de localidade apresentada acima não impõe nenhuma direcionalidade sobre as relações de predicação, ou seja, essas relações também podem ser não-direcionais. Por predicação não-direcional ou predicação reversa entende-se uma predicação cujo predicado se encontra no especificador, tendo a seguinte configuração:<sup>11</sup>



Usando as palavras de Den Dikken (2006, p. 251), o RELATOR “is a cover for anything that may be used to connect a predicate to its subject [...]”. It is explicitly not proposed to represent a syntactic category [...]”.

Em face da proposta de Chomsky em relação à fase, Den Dikken (2006; 2007) propõe que fases podem ser definidas como predicações, logo, RP é uma fase, uma vez que, como  $v^*P$ , RP é um Complexo Funcional Completo. A argumentação de Den Dikken é baseada na suposição explícita de Chomsky (2001, p. 12) ao considerar que (21) é a propriedade definidora de fases; sendo assim, de acordo com Den Dikken, as *Small Clauses* certamente poderiam ser qualificadas como fases. Já a propriedade (22), em conjunto com a Condição de Impenetrabilidade da Fase (23), requer que somente constituintes na periferia da *Small Clause* sejam acessíveis aos *probes* acima dela.

<sup>10</sup> Cumprir destacar que o núcleo RELATOR *nunca* é um núcleo lexical, sendo assim, por ser um núcleo funcional, o RELATOR não é um atribuidor de papel- $\theta$ . Na perspectiva aqui delineada, um núcleo H ou é o *atribuidor- $\theta$*  ou o *mediador de uma predicação*, mas nunca os dois ao mesmo tempo, ou seja, há uma divisão de trabalho da atribuição- $\theta$  e da mediação da relação de predicação. Outra suposição desta abordagem é a de que nenhuma projeção lexical tem um especificador, enquanto todo RELATOR deve ter um especificador.

<sup>11</sup> Como Den Dikken (2006, p. 13) propõe, a estrutura em (20) tem um papel essencial na sintaxe da predicação nominal, adjetival e adverbial. Ver Den Dikken (2006; 2007), para os diversos casos explicados através da predicação reversa, como o caso das construções em (i), em que “como” aparece como a lexicalização do RELATOR:

(i) O João é [<sub>RP</sub> [<sub>DP</sub> um idiota [<sub>R</sub> RELATOR = como [<sub>DP</sub> pai]]]]

As passivas, para citar somente mais uma das muitas construções em que (20) atua, são também explicadas pela predicação reversa: o DP [Mary] é alçado para [Spec, TP], em vez de [John], que está “congelado” dentro do domínio da fase RP por causa da PIC (explicada mais abaixo):

(ii) a. [<sub>RP</sub> [<sub>VP</sub> kissed Mary] [<sub>R</sub> [<sub>p</sub> by] (= RELATOR) [<sub>DP</sub> John]]]  
 b. [<sub>TP</sub> Mary<sub>i</sub> [<sub>T</sub> was [<sub>VP</sub> kissed  $t_i$ ] [<sub>R</sub> [<sub>p</sub> by] (= RELATOR) [<sub>DP</sub> John]]]

- (21) Phases ( $\Phi$ ) are propositional.
- (22) Small Clauses are phases.
- (23) *Phase Impenetrability Condition* (CHOMSKY, 2001, p. 14)  
The domain of H is not accessible to operations at ZP; only H and its edge are accessible to such operations.<sup>12</sup>

Den Dikken (2007, p. 1), então, considera (24):

- (24) *Inherent Phase*  
An *inherent* phase is a *predication* (subject-predicate structure)  
(DEN DIKKEN, 2007, p. 1, ex. (2), itálicos originais)

Considerando com Moro (1997) a sua teoria de inversão de predicados em sentenças como o par em (25), Den Dikken (2006; 2007) se pergunta como, em (25b), o predicado [*the #1 best-seller in the country*] é movido acima do sujeito [*this book*], dada a condição em (23) que assegura que o domínio de uma fase seja mandado para *Spell-Out* e não possa mais ser acessível à fase superior.

- (25) a. This book is the #1 best-seller in the country.  
“Este livro é o *best-seller* número 1 no país.”  
b. The #1 best-seller in the country is this book.  
“O *best-seller* número 1 no país é este livro.”  
(DEN DIKKEN, 2007, p. 2, ex. (4))

Den Dikken (2006; 2007) sugere que (25b) é derivado de (25a) *via* alçamento do predicado de *this book* “este livro” para uma posição-A de especificador, nomeadamente, uma posição de *sujeito*, no curso da derivação sintática, como representado abaixo:

- (26) a. [<sub>RP</sub> SUJEITO [RELATOR [PREDICADO]]]  
b. [<sub>FP</sub> PREDICADO<sub>i</sub> [F [<sub>RP</sub> SUJEITO [RELATOR  $t_i$ ]]]]  
(DEN DIKKEN, 2007, p. 2, ex. (7))

12 Em (i), chamamos ZP-H a *periferia* (*edge*, no original) da fase e YP o seu *domínio*. Chomsky propõe que apenas YP, o domínio de uma determinada fase, deve ser expelido numa fase, mas não sua periferia, ZP e H, respectivamente:

(i) [<sub>HP</sub> ZP [H YP]]

Entretanto, como observamos, o passo (26b), ou seja, a subida do predicado sobre o seu sujeito para uma posição de especificador de uma categoria funcional, é bloqueado por causa da condição (23), uma vez que o núcleo da fase F em (26b) não pode acessar o predicado na posição de complemento de RELATOR, já que esta posição faz parte do domínio da fase RP, logo, uma posição inacessível por já ter sido enviada para *Spell-Out*.

A solução encontrada por Den Dikken (2006; 2007) para este problema é a sua teoria de Extensão de Fase (do inglês *Phase Extension*), uma proposta que adotamos neste artigo para explicar as *Small Clauses* Livres do PB, como será visto na seção 5, a seguir. A teoria da Extensão de Fase de Den Dikken considera a proposta original de Chomsky (1993) de que o movimento de núcleo *estende* os domínios sintáticos. Sendo assim, se o núcleo do RP, RELATOR, move-se para um núcleo externo, as dependências da fase serão redefinidas por meio de uma operação de *extensão da fase*, e, então, nenhum problema de localidade surgirá.

De acordo com o que foi dito, inferimos que a subida do predicado em (26b) é excluída porque o RELATOR está *in situ* e, sendo assim, os domínios sintáticos não foram estendidos; de outro modo, em (27), quando o RELATOR é alçado, o domínio da fase é estendido até FP (= uma categoria funcional qualquer), ou seja, as propriedades de fase de RP passam para FP (cf. (27b)). Portanto, F passa a ser o núcleo da fase, e, sendo o núcleo da fase, pode acessar o predicado em [Compl, R] e alçá-lo para seu Spec (cf. (27c)), como nos mostra o passo a passo da derivação de uma Extensão de Fase em (27), em que  $\Phi$  é o limite de uma fase, e a sua definição em (28).

- (27) A. [<sub>RP</sub> SUJEITO [RELATOR [PREDICADO]]]  
 $\Phi$   
 B. [<sub>FP</sub> F + R<sub>i</sub> [<sub>RP</sub> SUJEITO [<sub>i</sub> [PREDICADO]]]]  
 $\Phi \leftarrow ( )$   
 C. [<sub>FP</sub> PREDICADO<sub>j</sub> [F + R<sub>i</sub> [<sub>RP</sub> SUJEITO [<sub>i</sub>  $t_j$ ]]]]  
 $\Phi$

(DEN DIKKEN, 2006, P. 115, EX. (80))

(28) *Phase Extension*

Syntactic movement of the *head* H of a phase  $\alpha$  up to the head X of the node  $\beta$  dominating  $\alpha$  *extends* the phase up from  $\alpha$  to  $\beta$ ;  $\alpha$  loses its phasehood in the process, and any constituent on the edge of  $\alpha$  ends up in the domain of the derived phase  $\beta$  as a result of Phase Extension.

(DEN DIKKEN, 2007, p. 1, ex. (3), itálicos originais)

(27)-(28), então, é a solução encontrada por Den Dikken (2006; 2007) para derivar a inversão do predicado em (25b), bem como uma vasta gama de fenômenos linguísticos (cf. DEN DIKKEN, 2006; 2007, para um panorama geral).

Um ponto interessante que gostaríamos de retomar para explaná-lo melhor, dada a sua importância para a proposta que desenvolvemos na próxima seção, e que deve ficar claro nesta teoria de Extensão de Fase, é o fato de que *apenas estruturas sujeito-predicado são fases inerentes*; outros nós podem adquirir o *status* de fase como um resultado do movimento do núcleo de uma fase *Small Clause* inerente, via *Phase Extension*. Sendo assim, diferentemente de Chomsky (2000 *et passim*), que, como vimos, considera apenas *v\*P* e CP como fases, Den Dikken e sua proposta de *Phase Extension* predizem que, como resultado da subida de *v* para T, “TP becomes a derived phase”<sup>13</sup> (DEN DIKKEN, 2007, p. 14).

Assim, a nosso ver, uma proposta baseada na noção de *Phase Extension*, à medida que acomoda melhor os resultados dos nossos dados empíricos mostrados nas seções anteriores, formula uma teoria de fases que, apesar de se distanciar num certo sentido da proposta atual de Chomsky, “resgata” a dinamicidade das barreiras de Chomsky (1986): “the idea that constituents can inherit barrierhood (or phasehood) from categories they dominate” (cf. DEN DIKKEN, 2007, p. 1) e explica uma gama considerável de fenômenos sintáticos, como visto em Den Dikken (2006; 2007 *et passim*). Além disso, os quatro principais critérios dados em Chomsky (2000) para que um determinado sintagma seja uma fase são colocados em xeque em diversos trabalhos recentes (cf. BOECKX; GROHMANN, 2004; DEN DIKKEN, 2007; EPSTEIN; SEELY, 2002; e referências citadas, só para mencionar alguns),<sup>14</sup> o que nos faz, no mínimo, repensar a suposição de que somente CP e *v\*P* são fases.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> Na verdade, dada essa abordagem “dinâmica” para as fases, C também pode se tornar uma fase com o complexo *v-T* se movendo para C, mas, diferentemente de Chomsky (2000), CP *nunca* será uma fase “inerente”; CP só poderá *adquirir* seu *status* de fase via *Extensão de Fase*.

<sup>14</sup> Para Chomsky (2000 *et passim*), CP e *v\*P* são fases porque, de acordo com este autor, eles são: (i) semanticamente independentes (proposicionais); (ii) fonologicamente independentes (isoláveis prosodicamente, movíveis); (iii) *probes* em potencial (*loci* de traços formais não-interpretáveis); e (iv) *locus* de EPP. Entretanto, todas essas quatro características podem ser argumentavelmente encontradas também em TP e, ainda, em alguns contextos, não são encontradas em CP e *v\*P*, como notam os trabalhos citados acima. Por falta de espaço, não nos deteremos neste ponto, deixando este tópico para trabalhos futuros.

<sup>15</sup> Ver ainda Legate (2003), que argumenta convincentemente que, para além de *v\*P*, *vP* (*v* inacusativo e passivo) também é uma fase.

## 5. SCL COMO UMA FASE-TP ESTENDIDA

Adotando uma configuração RP não-direcional para as SCs, como visto em (20), e tendo os resultados dos testes aplicados nas seções anteriores, chegamos à estrutura em (29) para as SCLs do PB. Lembramos que essa conclusão foi possível com base nas verificações de que as SCLs do PB: (i) não são o resultado do deslocamento à esquerda do predicado, nem da adjunção à direita do sujeito (cf. 3.1.); (ii) estão *in situ* (cf. 3.2.); e (iii) têm apenas a projeção de T(empo) na sua estrutura interna (e, claro, RP) (cf. 3.3.).

(29)  $[_{TP} T [_{RP} \text{PREDICADO} [\text{RELATOR} [\text{SUJEITO}]]]]$

Como vimos anteriormente, o que os testes em 3.3. sugerem é que as SCLs são TP raízes, ou seja, sentenças autônomas que não encaixam, nem podem ser encaixadas, nem têm uma projeção CP associada, ou seja, elas são “livres” realmente. Contudo, esta ideia se choca com o que é sugerido em Chomsky (2000 e subsequência), cuja proposta é a de que apenas CP e  $v^*P$  sejam considerados fases (pequenos “pedaços” de estruturas que são mandados *ciclicamente* para *Spell-Out* durante qualquer derivação sintática). Uma vez que o modelo de Den Dikken: (i) não entende C-T como um conjunto (cf. CHOMSKY, 2004), permitindo que T não-defectivo tenha seus próprios traços- $\Phi$ , sem que seja necessária a sua “herança” de C; e (ii) supõe que TP pode ser considerado uma fase via *Phase Extension* (nesse caso, alçamento do núcleo R para T); esse modelo parece-nos ser mais adequado para o resultado mostrado a partir dos nossos dados empíricos mostrados nas seções 2 e 3, ou seja, mais adequado para (29).

Sobre TP ser uma fase (forte), Den Dikken (2007, p. 16) pontua: “it is by no means self-evident that TP should not be a phase”, e, logo depois, contra-argumenta o conjunto de critérios dado por Chomsky (2000) para uma determinada categoria poder ser uma fase (ver nota 14), da seguinte forma: (i) *semanticamente*, não está claro por que TP não deveria ser proposicional; (ii) *fonologicamente*, TP pode ser independente de alguma forma, pois pode sofrer *Right Node Raising* (*Eu posso te dizer quando, mas não te digo por quê, [\_{TP} ela me deixou]*); (iii) T, tipicamente, é o *probe* que checa seus traços não-interpretáveis com o DP sujeito; e (iv) parece ser inegável que T pode ter uma propriedade EPP.<sup>16</sup>

16 Para ver a argumentação completa, ver Den Dikken (2007).

Assumimos, então, a proposta de Den Dikken (2006; 2007) de que qualquer predicação primária pode ser considerada uma fase, logo RPs (os sintagmas das *Small Clauses*) são *fases inerentes* e TP pode ser uma fase derivada. Ainda assim, para derivar (29), deparamo-nos com um problema em relação à *Condição de Impenetrabilidade da Fase* (PIC, cf. CHOMSKY, 2001), uma vez que, de acordo com essa condição, o domínio da fase (o sujeito, em (29)) deve ser enviado imediatamente para *Spell-Out*, assim que a fase RP seja formada, não estando mais acessível, dessa forma, na derivação, o que desencadearia o fracasso da derivação, pois alguns traços não-interpretáveis (os traços- $\Phi$  de T e o traço de Caso do DP sujeito) ainda estariam presentes na derivação. Para resolver esta questão, consideramos a teoria de Den Dikken (2006; 2007) de *Extensão de Fase*, esboçada na seção anterior. Como visto, tal teoria adota a proposta original de Chomsky (1993) de que o movimento de núcleo *estende* os domínios sintáticos. Desse modo, se o núcleo do RP, RELATOR, move-se para um núcleo externo, as dependências da fase são redefinidas por meio de uma operação de *Phase Extension*, e, então, nenhum problema de localidade surge. Sendo assim, a subida do RELATOR, núcleo desse sintagma-fase, para o núcleo de uma categoria funcional acima de RP, estende a fase de RP para FP, como em (27), repetido abaixo como (30):<sup>17</sup>

- (30) A. [<sub>RP</sub> SUJEITO [RELATOR [Predicado]]]  
 $\Phi$   
 B. [<sub>FP</sub> F + R<sub>i</sub> [<sub>RP</sub> SUJEITO [<sub>t<sub>i</sub></sub> [Predicado]]]]  
 $\Phi \leftarrow ( )$   
 C. [<sub>FP</sub> PREDICADO<sub>j</sub> [F + R<sub>i</sub> [<sub>RP</sub> Sujeito [<sub>t<sub>i</sub></sub> <sub>t<sub>j</sub></sub>]]]]  
 $\Phi$
- (DEN DIKKEN, 2006, P. 115, EX. (80))

<sup>17</sup> Um parecerista anônimo nos pergunta sobre a possibilidade de lançar mão da estrutura (30c), em detrimento da estrutura com predicação reversa (20), para explicar as SCLs do PB, uma vez que a ordem linear Predicado-Sujeito também é atestada. Se fôssemos lançar mão de (30c) para explicar as SCLs, pelo menos duas possibilidades emergiriam: (a) interpretar a categoria funcional FP como TP como em (i); e (b) interpretar FP como uma categoria funcional qualquer (possivelmente, alguma categoria da periferia de VP à la BELLETTI, 2004) e, ainda, acrescentar o TP, resultando numa estrutura como (ii). (a) seria descartada porque, de acordo com o nosso teste do advérbio de VP (ver subseção 3.2.), o predicado se encontra numa posição *abaixo* de T. A nosso ver, a possibilidade (b) também seria descartada, pois, apesar de a derivação em (ii) parecer convergir, como se sabe, “[l]ess economical computations are blocked even if they converge” (cf. CHOMSKY, 1995, p. 220). Sendo assim, (29) nos parece ser mais econômica que (ii), pois, nesta derivação, há a necessidade de se postular: (1) mais uma categoria funcional além de TP, nomeadamente, FP; (2) um traço EPP para F para desencadear o movimento do predicado para seu Spec; e (3) o movimento do predicado para [Spec, FP]. Portanto, se a nossa linha de raciocínio estiver no caminho correto, (29) nos parece a opção mais coerente de uma estrutura para as SCLs do PB, já que a predicação reversa é uma operação legítima na gramática, como argumentamos na seção anterior e como proposto em Den Dikken (2006; 2007).

- (i) [<sub>TP</sub> Predicado<sub>j</sub> [T + R<sub>i</sub> [<sub>RP</sub> Sujeito [<sub>t<sub>i</sub></sub> <sub>t<sub>j</sub></sub>]]]]  
 (ii) [<sub>TP</sub> T [<sub>FP</sub> Predicado<sub>j</sub> [F + R<sub>i</sub> [<sub>RP</sub> Sujeito [<sub>t<sub>i</sub></sub> <sub>t<sub>j</sub></sub>]]]]]]

Antes de ir à derivação em si, cumpre destacarmos outras idiossincrasias das SCLs do PB no que concerne aos seus constituintes e à sua configuração. O que sugerimos neste artigo é que, no PB, o “apagamento” da cópula é permitido em casos configuracionais semelhantes àqueles em (29), ou seja, o contexto de uma SC originada de uma predicação reversa (na ordem Predicado-Sujeito) sendo selecionada por uma categoria funcional TP – um TP raiz, sem CP o selecionando – é o contexto em que esse “apagamento” é permitido no PB. Dito de outro modo, este é o contexto configuracional em que a “terceira cópula” (KATO, 1988; 2007) emerge no PB.

Outra peculiaridade das SCLs, que também faz com que seja deflagrada a terceira cópula, é o fato de o predicado selecionado para estar em [Spec, RP] ser um DegP (*Sintagma de Grau*, do inglês *Degree Phrase*). Ora, como vimos, as SCLs não podem ir com predicados que não contenham algum grau (cf. (31)), bem como os *DPs avaliativos* são estruturas cujo núcleo nominal N, normalmente, deriva adjetivos avaliativos e tanto esses DPs quanto esses adjetivos, de algum modo, capturam a ideia de grau (cf. 32):

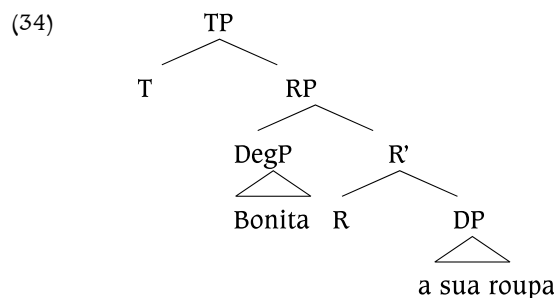
- (31) a. \*Russa essa vodca.  
*Comparar: \*Muito russa*  
 b. \*Grávida a Maria.  
*Comparar: \*Muito grávida*  
 c. \*Inumeráveis os artigos do Chomsky.  
*Comparar: \*Muito inumeráveis*
- (32) a. Um luxo o seu apartamento! > Muito luxuoso o seu apartamento!  
 b. Uma maravilha essa cerveja! > Extremamente maravilhosa essa cerveja!  
 c. Um amor essa sua filha! > Muito amorosa essa sua filha!

As SCLs do PB são sentenças exclamativas e, segundo Gutiérrez-Rexach (2008, p. 118), as exclamativas são estreitamente associadas a certas propriedades denotacionais que não existem na maioria das interrogativas, como referências a graus, por exemplo. De mais a mais, estudos recentes indicam o fato de que as sentenças exclamativas são, na verdade, construções de grau (cf. CASTROVIEJO, 2007; GUTIÉRREZ-REXACH, 2008). Sendo assim, nada mais natural que propor que as SCLs do PB tenham em seu predicado um sintagma de grau.

Essa linha de raciocínio nos oferece uma explicação simples para a restrição notada em (31), nomeadamente, a não seleção de predicados sem grau; além do mais, oferece-nos, a nosso ver, uma explicação para os dados em (33), em que predicados não estativos (e sem grau) não são permitidos: como apenas DegPs são possíveis como predicados das SCLs, outros tipos de predicados, que não introduzam uma variável de grau, estão descartados. Estamos, também, considerando com Villalba (2003) que, quando o intensificador de grau não estiver “visível” na derivação, sua posição estará sendo ocupada por um intensificador nulo “ $\emptyset$ ”, como é comumente suposto na literatura para essas expressões.<sup>18</sup>

- (33) a. \*Falando a Maria.  
 b. \*Dirigindo o Paulo.  
 c. \*Vendendo o livro.

Adotando o acima exposto, a estrutura interna de uma SCL passa a ser (34) abaixo:



É interessante destacar que, ainda que o predicado das SCLs seja os DPs avaliativos, além dos adjetivos, consideraremos que os únicos traços- $\Phi$  existentes para entrar na computação, dado um nó DegP, são os traços de número e gênero, uma vez que: (i) o grau parece não comportar o traço de pessoa (cf. *bonitinhos*, *bonitinhas*)<sup>19</sup> e (ii) o traço de Caso não está disponível para os predicados, pois, como se sabe, Caso e traço- $\Phi$  de pessoa estão intimamente ligados (cf. CHOMSKY, 2001).

18 Então, a diferença entre uma SCL com o intensificador visível e o invisível ficaria, grosso modo, assim:

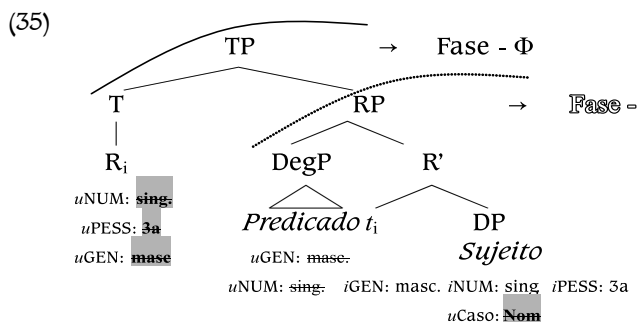
(i) a. [<sub>RP</sub> [<sub>DegP</sub>  $\emptyset$  [<sub>AP</sub> *Rápido*] [<sub>R</sub> R [<sub>DP</sub> *esse carro*]]]]  
 b. [<sub>RP</sub> [<sub>DegP</sub> *Muito* [<sub>AP</sub> *rápido*] [<sub>R</sub> R [<sub>DP</sub> *esse carro*]]]]

Para um estudo detalhado da estrutura interna dos DegPs, ver Neeleman, de Koot e Doetjes (2004).

19 Não é importante aqui se os traços de gênero e número pertencem ao morfema de grau ou ao adjetivo.

Voltando à derivação de (29)/(34): para formar o RP, primeiramente, o núcleo R deve selecionar o sujeito como complemento e posteriormente o predicado como seu especificador. O TP entra na derivação e o núcleo de RP, R, é alçado para T. Este movimento desencadeia a *Extensão da Fase* de RP até TP, seguindo a proposta de Den Dikken (2006). A extensão da fase de RP para TP soluciona os problemas relacionados à PIC, já apontados, visto que, sem a extensão da fase, o DP sujeito (domínio da fase) deveria ir, de imediato, para *Spell-Out*, não sendo mais acessível na derivação. Assim, como os traços (não-interpretáveis) de Caso do DP sujeito e  $\Phi$  de T ainda estariam presentes na derivação, esta fracassaria.

Após ocorrer a extensão da fase, sendo T agora o núcleo da fase, outro problema surge: há um DegP interveniente entre T e o DP e este DegP tem traços- $\Phi$ ,<sup>20</sup> que “barrariam” a sonda T de ir “mais abaixo” (até o DP, neste caso) para checar seus traços- $\Phi$  e de Caso do sujeito. Adotando o *Princípio de Maximização (Maximization Principle)* de Chomsky (2001, p. 15), isto deixa de ser um problema, pois, de acordo com este princípio, um elemento contendo um conjunto de traços- $\Phi$  defectivos<sup>21</sup> não conta para efeitos de intervenção e, uma vez que um sintagma de grau não tem o traço não-interpretável de [pessoa], a sonda T pode “pular” este sintagma. Dito de outra forma: como o Predicado não tem traço não-interpretável de [pessoa] para ser checado, o *probe* T pode descer até o DP sujeito e valorar seu traço de Caso além dos traços- $\Phi$  [-int] de T, como visto abaixo:<sup>22</sup>



20 É interessante destacar que, antes de T sondar o DP sujeito, *Agree* entre o DegP predicado e o DP sujeito já deve ter acontecido, a fim de checar os traços não-interpretáveis de gênero e número do DegP. Por causa da falta de espaço, não discorremos aqui como isso acontece. Para maiores detalhes, ver Sibaldo (2009).

21 Ou seja, um conjunto- $\Phi$  incompleto, i. e., sem o traço não-interpretável de [pessoa].

22 Os traços relevantes valorados e checados serão representados aqui por uma fonte realçada.

Uma vez que o traço EPP é opcional nas línguas românicas (cf. NUNES, 2007), mais especificamente, no PB (cf. VIOTTI, 1999; 2007), a derivação para em (35), com todos os traços não-interpretáveis devidamente valorados e deletados, e é mandada para *Spell-Out*.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as SCLs do PB são TPs raízes, ou seja, uma fase TP. Se a nossa análise empreendida aqui estiver no caminho correto, as SCLs do PB parecem ser evidências de que TPs também podem ser considerados como instâncias de fase (e não apenas CP e  $v^*P$ , como sugerido por CHOMSKY, 2001 *et passim*), como já propuseram, de forma independente (e diferenciada), Gallego (2007) e Gallego e Uriagereka (2006), entre muitos outros.

## RESUMO

Este artigo investiga uma construção exclamativa muito usada pelos falantes do português brasileiro, mas pouco estudada, nomeadamente, as *Small Clauses* Livres (SCLs), que consistem na justaposição de um predicado e seu sujeito, nessa ordem, sem nenhum verbo nem informação de tempo na superfície, como na construção *Bonita a sua roupa!*, por exemplo. O principal objetivo deste estudo é responder à seguinte questão: qual a estrutura interna das SCLs do Português Brasileiro? Para tal investigação, o presente trabalho, num primeiro momento, estabelece quais são as restrições sintático-semânticas que regem os elementos constitutivos desse tipo de construção, descrevendo os contextos em que o predicado e o sujeito podem atuar. Para a análise das SCLs, tomamos como embasamento teórico os pressupostos da Teoria Gerativa no seu modelo minimalista (cf. CHOMSKY, 2001 e sequência), bem como a noção de predicação e extensão de fase de Den Dikken (2006; 2007). A fim de desvendar qual a estrutura interna das SCLs, fizemos diversos testes no sentido de entender qual seria a composição interna desse tipo de estrutura e qual a posição estrutural de seus elementos. O que esta pesquisa conclui é que as SCLs são TPs raízes, ou seja, uma fase TP; desse modo, diferentemente de Chomsky (2001), que admite apenas CP e  $v^*P$  como uma fase forte, este trabalho traz evidências a favor da ideia de que TP também seria uma fase forte. Palavras-chave: *small clauses* livres; fases; *small clauses*.

### ABSTRACT

This paper investigates an exclamative construction very used by the native speakers of Brazilian Portuguese, but under-researched, namely, the Free Small Clauses (FSCs), juxtaposition of a predicate and its subject, in that order, without any verb or morphological specification for tense on the surface, as in the following construction *Bonita a sua roupa* “Your Clothes are beautiful”, for example. The main goal of this study is to answer the following question: what is the internal structure of the FSCs of Brazilian Portuguese? In order to answer this question, at first, this work establishes what are the syntactic-semantic restrictions which govern the constitutive elements of this kind of constructions, describing the contexts in which the predicate and the subject can act. For the analysis of FSCs, we took as the theoretical assumptions the generative enterprise in its minimalist model (cf. CHOMSKY, 2001 *et passim*), as well as the notion of predication and phase extension as delimited in Den Dikken (2006, 2007). To answer the question put before, i.e., what is the internal structure of FSCs, we did several tests to understand what would be the internal composition of this type of structure and what is the structural position of its elements. What we could conclude in the end of this work is that the FSCs are root TPs, that is, one TP phase. Differently of Chomsky (2000), who admits that only CP and  $v^*P$  can be strong phases, this paper brings some evidences from Brazilian Portuguese in favor of the idea that TP would also be a strong phase.

Keywords: *free small clauses; phases; small clauses.*

### REFERÊNCIAS

- BELLETTI, A. Aspects of the low IP Area. In: RIZZI, L. (Ed.). *The structure of IP and CP*. The cartography of syntactic structures. v. 2. New York: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.
- BOECKX, C.; GROHMANN, K. K. *Putting phases into perspective*. Ms. Harvard University; University of Cyprus, 2004.
- BOWERS, J. The syntax of predication. *Linguistic Inquiry*, v. 24, n. 4, p. 591-656, 1993.
- CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. Small clauses: Some controversies and issues of acquisition. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Eds.). *Syntax and semantics: small clauses*. California: Academic Press, 1995. v. 28, p. 1-23.
- CASTROVIEJO, E. A degree-based account of *Wh*-exclamatives in Catalan. In: PUIG-WALDEMÜLLER, E. (Ed.). *Proceedings of Sinn und Bedeutung*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2007. p. 134-149.

CHOMSKY, N. *Barriers*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1986.

\_\_\_\_\_. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The view from building 20*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. p. 1-52.

\_\_\_\_\_. Minimalist inquires: the framework. In: MARTIN, Robert; MICHAEL, David; URIAGEREKA, Juan. (Eds.). *Step-by-step: Essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. p. 89-155.

\_\_\_\_\_. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (Ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001. p. 1-52.

\_\_\_\_\_. Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, A. (Ed.). *Structures and beyond: the cartography of syntactic structure*. Oxford: Oxford University Press, 2004. v. 3, p. 104-131.

DIKKEN, M. den. *Relators and linkers: the syntax of predication, predicate inversion, and copulas*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Phase extension: contours of a theory of the role of head movement in phrasal extraction*. Ms. CUNY, 2007.

EPSTEIN, S. D.; SEELY, T. D. Rule applications as cycles in a level-free syntax. In: EPSTEIN, S. D.; SEELY, T. D. (Eds.). *Derivation and explanation in the minimalist program*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 65-89.

GALLEGO, Á. *Phase theory and parametric variation*. PhD Dissertation. UAB, 2007.

\_\_\_\_\_; URIAGEREKA, J. *Sub-extraction from subjects*. Paper presented at WCCFL 25 and LSRL 36, 2006.

GUTIÉRREZ-REXACH, J. Spanish root exclamatives at the syntax/semantics interface. *Catalan Journal of Linguistics*, n. 7, p. 117-133, 2008.

HEYCOCK, C. *Layers of predication: the non-lexical syntax of clauses*. Ph.D. Dissertation: University of Pennsylvania, 1991.

KATO, M. A. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. *Handout apresentado no GT de Teoria da Gramática*, 1988.

\_\_\_\_\_. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. *DELTA*, v. 23, n. especial, p. 85-111, 2007.

LEGATE, J. A. Some interface properties of the phase. *Linguistic Inquiry*, n. 34, p. 506-516, 2003.

MORO, A. *The raising of predicates: predicative noun phrases and the theory of clause structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

NEELEMAN, A.; DE KOOT, H. van; DOETJES, J. Degree expressions. *The Linguistic Review*, n. 21, p. 1-66, 2004.

NUNES, J. Relativized minimality and the extended peeking principle. *Cuadernos de Lingüística del I. U. I. Ortega y Gasset*, v. 14, p. 73-86, 2007.

SIBALDO, M. A. *A sintaxe das Small Clauses Livres do português brasileiro*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2009.

SOSCHEN, A. *On subjects and predicates in Russian*. Ph.D. Thesis: University of Ottawa, 2002.

VILLALBA, X. An exceptional exclamative sentence type in Romance. *Lingua*, n. 113, p. 713-745, 2003.

\_\_\_\_\_. *Exclamatives and negation*. Ms. UAB, 2004.

VIOTTI, E. de C. *A sintaxe das sentenças existenciais no português do Brasil*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. Ordem VS no português brasileiro: questionando a existência de expletivos nulos. In: CASTILHO, A. T. de; MORAIS, M. A. T.; CYRINO, S. M. L.; LOPES, R. E. V. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, p. 131-158, 2007.

ZANUTTINI, R. *Syntactic properties of sentential negation*. Ph.D. Dissertation: University of Pennsylvania, 1991.

\_\_\_\_\_; PORTNER, P. Exclamative clauses: at the syntax-semantics interface. *Language* v. 79, n. 1, p. 39-81, 2003.

**Enviado em: 04/11/2009**

**Aceito em: 19/01/2010**